

TRANSCRIÇÃO

Mas, e os novíssimos, atual geração? É inegável que há romancistas e ensaístas de valor. Procura-se reagir contra os modelos e recriar a arte, o que é excelente sintoma. Auspiciosamente, os novos abandonam o feiticismo dos clássicos, o colete de ferro da imitação, e anseiam por novas formas e novos processos emotivos.

Deve, apenas, lamentar-se que lavre certa confusão no tocante ao conceito de correção da língua. Alguns autores pensarão que tudo o que o povo diz está certo, e que o podem transpor para a sua língua escrita.

Ora, correção é acatamento social, prestígio social. Corretas são, justamente, as maneiras usadas pelo grupo dirigente da vida cultural e boas são, sem dúvida, as formas empregadas pelas pessoas de educação fina.

Eles ressentem-se da atual deficiência no ensino da língua portuguesa. São, em verdade, pobres vítimas dos métodos defeituosos com que se divulga a linguagem adquirida.

Dá-se um fenômeno curiosíssimo: as pessoas que falam corretamente o francês e o inglês mas que pouco sabem a língua materna, cujo emprego, nas suas mãos inexperatas, é, por assim dizer, trivial.

Ao lado dessa falha cultural, aditam alguns uma preocupação artificial de fotografar a língua falada e transpor para a língua escrita alguns giros de linguagem popular.

Não percebem que estão perpetrando uma clamorosa inversão de valores. E, no torvo desespero que lhes dá a consciência do pouco preparo do português, enveredam pela senda fácil e enganadora da “língua brasileira.”

Língua brasileira é, assim, desculpa de insuficiência e bandeira de cômodo nacionalismo. Ela torna-se, em verdade, o “surrão amplo, onde cabem à larga, desde que (a) inventaram para sossego dos que não sabem a sua língua todas as escórias da preguiça, de ignorância e do mau gosto americano daquilo que o grande escritor lusitano tratara por um nome angolês. Lá encontrará o ouvido vernáculo todos os estigmas dessa degeneração, em estado coliquativo, do idioma em que escreveram no Brasil Gonçalves Dias, Francisco Lisboa e Machado de Assis.”¹

Há brasileirismos e brasileirismos. Há-os respeitáveis que, pouco a pouco se vão infiltrando na própria língua literária, como produtos refinados, e há-os relegados à plebe das cidades e aos tabaréus do interior.

Estes últimos, na língua escrita só podem figurar na boca de personagens rudes ou regionais, e nunca os deve o escritor alçar à expressão do próprio pensamento. Fazê-lo seria uma lastimável inversão de papéis, já que a linguagem des-

polida e bronca se colocaria acima da língua comum, resultado superior e superfino dos esforços de várias gerações de artistas.

Quero reforçar estas magras considerações com a palavra do grande filólogo venezuelano Rufino José Cuervo, que escreveu, com meridiana clareza:

“Necesario es distinguir entre el uso, que hace ley, y el abuso, que debe extirparse. Son notas del primero el ser respetable, general y actual. Nadie revoca a duda que en materia de lenguaje jamás puede el vulgo disputar la preeminencia a las personas cultas; pero también es cierto que a la esfera de las ultimas puede trascender algo del primero, en circunstancias y lugares especiales. Así, el aislamiento de los demás pueblos hermanos, origen del olvido de muchos vocablos puros y del consiguiente desnivel del idioma, el roce con gente zafia, como, por ejemplo, el de los niños con los criados, y los trastornos y dislocaciones de las capas sociales por los solevantamientos revolucionarios, que encumbran aun hasta los primeros puestos a los ignorantes inciviles, pueden aplebeyar el lenguaje generalizando giros antigramaticales y términos bajos.”²

Bem ao contrário do que parecem crer os ingênuos inimigos da “língua dos doutores”, nós já temos, no Brasil, uma brilhante tradição de português culto.

Apesar da pobreza econômica dos primeiros grupos de habitantes, e da míngua do ambiente cultural, os membros do governo e da administração procuraram fazer o possível pelo progresso intelectual da Colônia.

Se não tivemos, desde logo, uma tipografia, como se fez em Macau, em Goa e no Japão, onde os Portugueses se defrontaram com antigas civilizações, o certo é que foi muito fecundo, entre nós, o ensino jesuítico. Ainda no século XVI dessas escolas saíram Bento Teixeira Pinto, autor da *Prosopopéia*, frei Vicente do Salvador, que escreveu a nossa primeira história, Jerônimo Albuquerque Maranhão. No século seguinte é deles que sai a grande luz do Padre Antônio Vieira, sem contar Eusébio e Gregório de Matos. Ainda no século XVIII, às portas da decadência e do fim, elas ainda entregam à terra brasileira os grandes espíritos de Santa Rita Durão, Basílio de Gama e Alvarenga Peixoto.

No primeiro quartel do século XVIII já um autor, entre outras loas à boa linguagem falada na Colônia, podia dizer que o Brasil era a academia onde se aprendia o bom falar ...³

De certo que a língua literária deve estar intimamente ligada à fala corrente contemporânea, mas à linguagem familiar, “santuário del idioma”, e não às expressões plebéias.

É sobre essa matéria prima que os ourives da Poesia e os escultores da Prosa têm de trabalhar. A língua literária deve ter feição nacional, refletir algo da sensibilidade brasileira.

Isso, porém, só se pode conseguir com o sólido instrumento que é a língua comum e não com as muletas da linguagem popular ou das falas regionais.

Se estamos, enfim, livres do purismo de Calisto Elói e dos galicismos de Laudelino, descambamos às vezes para excessos condenáveis.

Há, no Brasil, na boca de pessoas semi-instruídas, solecismos, más traduções do francês, mazelas idiomáticas? Sem nenhuma dúvida.

Mas também as há em Portugal, e não poucas, como se vê, pelo vigor que põem no combatê-las os esforçados vernaculistas d' além-mar.

A nossa tarefa, cá e lá, consiste em elevar o nível lingüístico, divulgando, incessante e sensatamente, as boas formas, e alijando aquelas inovações incompatíveis com o gênio da língua.

O essencial é que os professores – sal da terra filológica – não esmoreçam no bom combate. Não no combate cego e desatinado, preso à servil imitação de antanho, surdo às realidades da evolução – mas no combate bem orientado, que leva em conta os fatos da língua e não esquece a distinção entre a língua escrita, que é escolha e disciplina, e as línguas faladas, livres ao sabor das paixões.

Agora, portanto, já estamos em tempo de reformar o ensino, apresentando aos estudantes não as opiniões dos gramáticos, mas sim os fatos da língua.

Estes não de ser julgados e interpretados com raciocínio filológico e não sob o deformante prisma da gramatiquice.

E' necessário acatar e prestigiar os brasileirismos respeitáveis – e deixar estar em seu ambiente próprio os fenômenos das linguagens vulgar, ou regional.

Nunca, porém, subverter os valores.

E' necessário e imperioso elevar o nível lingüístico, estabelecendo uma norma culta brasileira, índice da sociedade mais educada. Assim poderemos criar um ideal de língua literária, capaz de proporcionar prosadores e poetas do mais alto quilate.

Para consegui-lo devemos principalmente desenvolver e aprimorar:

a) o ensino primário e secundário. Sobretudo ao último é preciso dedicar-se carinhosa atenção. O ensino há de fazer-se objetivamente: o mínimo de sanções e o máximo de fatos da língua.

Será preciso ensinar aos jovens a nossa opulenta fraseologia e desenvolver-lhes o vocabulário. Conseguindo-o, teremos evitado que a língua portuguesa se trivialize, empobrecendo-se na América.

b) a imprensa, cujo efeito disseminador da língua comum é enorme e aumenta de dia para dia, há de policiar-se. Creio que se criará, breve, a Escola de Jornalismo ...

c) o rádio, poderoso agente de cultura, deixará de ser lança bigúmea e, mediante locutores instruídos, acompanhados de bons programas, cumprirá o seu grande papel de educador das massas.

d) o esforço editorial, que já tem crescido consideravelmente, progredirá ainda mais, não só na quantidade, mas principalmente na qualidade ... Esse é ponto capital, pois as edições (sobre tudo as traduções!) em geral deixam muito a desejar...

e) o cinema e o teatro, devidamente orientados, representarão lugar de relevo na manutenção da norma literária. Deve considerar-se que lhes cabe uma grande tarefa educativa.

f) finalmente não pode esquecer-se a Academia, poderosa força de cultura e de nivelção.

A ela compete, não só manter o gosto literário, como opor um dique a toda e qualquer corrupção da língua. Compete-lhe estar sempre de sobreaviso, sentinela contra o abastardamento da literatura e da linguagem.

NOTAS

- 1- *Réplica* nº 22. Passos igualmente expressivos ler-se-ão em os números 423 e 425.
- 2- *Apuntaciones Críticas sobre el Lenguaje Bogotano*, 3ª ed. 1881, pg. XV.
- 3- Vj. os meus *Capítulos de História da Língua Portuguesa no Brasil*, 1946.

ADVERTÊNCIA

O texto supra é fragmento do “Prefácio da Edição Brasileira” do livro *Futuro da Língua Portuguesa no Brasil*, do Prof. Agostinho de Campos, de Portugal, Rio de Janeiro, Edições Dois Mundos, 1948, págs. 18-22. Escrito há cinquenta anos, o texto contém marcas do seu tempo, mas – e isso é o que importa – não só as supera no conjunto, mas também recobra plena atualidade. Com efeito, Serafim Neto distingue claramente, na dialectologia vertical, os níveis socioletais, em particular o familiar do vulgar; e, no plano horizontal, sabe como extremar o regional do comum. O que neste excerto se defende é a legitimidade da função social do padrão culto; “pessoas há”, salienta, “que falam corretamente o francês e o inglês mas que pouco sabem a língua materna”. E que continuarão a não sabê-la, acrescentamos, e até a desconheçê-la cada vez mais, se persistirem os métodos ideológicos de a condenarem como forma de opressão da classe dominante. A língua culta não é uma forma de opressão, como superficialmente se vem apregoando, e sim uma forma de libertação.

Muito se deblatera, e com razão, contra a má distribuição da renda nacional. Não se vê, no entanto, que existe também uma renda cultural que compete à Escola distribuir. Há que lutar, sem dúvida, contra a miséria econômica, mas também, e *pari passu*, contra a miséria cultural. Essa a missão da Escola. Nessa perspectiva é que se coloca a contribuição científica de Serafim Silva Neto. As suas lições continuam, por isso mesmo, vivas e indispensáveis às novas gerações que se estão formando no campo das Letras. A leitura integral do presente “Prefácio” seria excelente introdução ao conhecimento do pensamento filológico e lingüístico de Serafim Silva Neto.

Silvio Elia